

O CORPO, CARNE E SER EM MERLEAU-PONTY: A RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL DAS COISAS COM O MUNDO COM TUDO E TODOS

Luiz Augusto Passos

UFMT/GPMSE

passospassos@gmail.com

V Seminário de Fenomenologia do Centro Oeste - Fenomenologia e Formação Humana

RESUMO:

O presente texto emerge de uma mesa redonda cujo tema Fenomenologia e Formação Humana no V Encontro de Fenomenologia do Centro Oeste. Compartilhamos, em base de estudos e pesquisas já concluídas, e alguns resultados obtidos na linha de pesquisa “Movimentos Sociais, Política e Educação Popular” do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMT, Cuiabá, Mato Grosso. Empreendemos, desde 2003, um conjunto de pesquisas: dissertações acadêmicas e duas teses de doutorado recentemente concluídas, outras ainda em curso, procurando compreender o caráter educativo dos movimentos sociais populares, numa perspectiva freiriana. Paulo Freire entende as práticas de emancipação e luta como ato educativo do oprimido, principal sujeito desta pedagogia que resiste à sociedade autoritária e homogeneizante que o exclui e marginaliza, por defender o direito de poder ser o que ele é como pessoa e comunidade de destino. Merleau-Ponty indica a resistência da natureza que possui uma autonomia intrínseca que resiste à dominação “de fora” e sua instrumentalização. Merleau-Ponty critica Jean Piaget quando justapõe a experiência adulta e infantil “como duas mentalidades impermeáveis uma à outra e torna teoricamente impossível a comunicação do adulto com a criança” (PPC, p. 238); e, quando Piaget desautoriza todas as lógicas outras das sociedades pela unificação do pensamento lógico-matemático da sociedade ocidental como o único adequado a concordar com os fenômenos reais da natureza legitimando a colonização delas pelo pretendido atraso destas culturas.

Palavras-chave: Fenomenologia. Educação. Merleau-Ponty. Epistemologia. Movimentos Sociais.

Introdução

Estas premissas iniciais apontam implicações para a chamada formação humana, inquieta, mutante e misteriosa transubstanciação do ser num ente. “O Ser da natureza se manifesta silenciosamente no sensível, sem que por isto se revele completamente. O Ser Natural produz-se de si mesmo como deiscência, enquanto instituição de uma diferenciação, e um relevo que é beleza. Ele é expressão de certo estilo de organização ou de laços que o ligam ao ser: é seu logos ou sua verdade. (...) Em nossa investigação sobre a instituição do ser do homem, mostramos que o homem se institui de si mesmo enquanto um fazer de si próprio, no constante movimento de transcendência de si.” (Capalbo, 2004 p. 187). Uma pessoa se produz mediante gesto criador e transformador que não conclui apenas na sua singularidade, mas a liga a toda outra realidade pouco conhecida, ignorada pelas pedagogias e rituais socializadores. Estamos como nunca no horizonte da liberdade, no qual o desejo de outro não poderá se tornar desejo de si para si, senão como patologia. Estamos, há anos, em débito, quer na pedagogia, psicologia, história, sociologia, antropologia como na filosofia – nestes seis âmbitos das ciências humanas muito próximas de nós, mostrando-nos que carecemos de nos debruçar com atenção mais rigorosa sobre o fenômeno vivo do outro, e não por sobre estruturas, representações ou essências dele, nas quais sua expressão ontológica se esvazia. O

ser se diz fazendo como obra inédita, pronunciando em palavra cósmica sua autopoiese. Assistimos ao longo dos séculos, diferentes sociedades tendo suas vidas, culturas, costumes, línguas, formas de organização social sendo exterminadas, em nome da assimilação e integração de diferentes povos ao modelo da sociedade capitalista ocidentalizada, gerando uma ‘pedagogia’ marcada para mandar, para destruir qualquer outra pedagogia que seja diferenciada da sua. Isso fortalece o argumento de Meliá (1999) a razão de afirmar que “esses povos mantiveram suas alteridades por causa das suas estratégias próprias de vivência sociocultural e a ação pedagógica deles é uma delas” (Idem, p. 03).

Metodologia

O eixo teórico-metodológico deste trabalho compreende a educação como formação humana no sentido que lhe emprestam Merleau-Ponty e Paulo Freire, os quais se complementam, no entendimento de que a centralidade da educação é de que cada pessoa diga a sua palavra como ato instituinte de si mesmo (Paulo Freire 2000a) As pessoas se fazem na relação com os outros, com o mundo, ligadas umbilicalmente à historicidade. Freire adverte, não na condição limitada de *seres históricos*, mas *seres historiadores*, isto é, que não deixarão por seu ato de criação de si mesmos, de criarem simultaneamente uma história, que não será síntese do que estava antes na tese e antítese, mas inseminando-as de algo novo através de sujeitos vivos que a criam (Freire, idem) avançando nas discontinuidades e ambiguidades em busca da autonomia pessoal e da emancipação coletiva. Este movimento de luta emancipatória das pessoas se faz presente no sentido que lhe confere Emmanuel Mounier, o de se contrapor à mesmidade do contexto de reprodução linear da cultura nomizada, em face da exploração econômica (ter); a destruição de valores e sentidos simbólicos culturais (sentido e valor); e, de opressão e dominação política (poder) às quais estamos condicionados, mas jamais determinados. A negação desta educação libertadora e criativa, - inerente a cada indivíduo de se construir autonomamente e em comunhão como pessoa (relação), não é um mandato exterior, mas condição de fato, - é concebido por Paulo Freire como *desgentificação*. Após o crime bárbaro cometido por adolescentes de classe alta que incendiaram o índio Galdino, em Brasília, quando aguardava ônibus na madrugada, Paulo Freire escrevera: “É possível que na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados”. (Freire, 2000: p. 31). A educação é a autopoiese em vista da humanidade própria; e a deseducação é a arte de se desgentificar. Educação é, na ambiguidade, incompletude histórica, buscar uma metodologia capaz de investigar os fenômenos vivos dos sentidos que *suleiam** — as

peças para sua *gentificação* ou *desgentificação* para coletivamente achar caminhos novos de “Decência boniteza de mãos dadas.”(FREIRE, 1996: p. 31). São as vivências corporais existencializadas em maior ou menor profundidade que dizem se nossos projetos são de vida ou morte, de emancipação ou escravidão. Trata-se do retorno à vida como ela se dá.

Objetivos

Temos como objetivo definido voltarmos-nos com redobrada atenção aos fenômenos em suas dobras, ambiguidades, polissemia e mistérios, e procurar descrever fenomenologicamente a relação-interobjetiva-e-intersubjetiva das experiências vivenciadas no mundo da vida, procurando comunicar esta experiência no corpo próprio – pessoal – com as reverberações da carnalidade que nos expressa como seres de relação em diálogo com autores da academia que tiveram experiências na mesma direção. Nossos estudos objetivam invisibilidades operadas nos fenômenos pelos conceitos filosóficos da modernidade clássica de plantão. Levam-nos a perplexidades e descobertas que invertem noções usuais de mundo, pessoa humana e outredades. Merleau-Ponty convida buscar perspectivas pouco visitadas no âmbito da formação humana. Seus Seminários Avançados consignados na “Psicologia e Pedagogia da Criança”, suas duas teses, “Fenomenologia da Percepção” e “A Estrutura do Comportamento”, tecem conceitos nucleares como corpo próprio, carnalidade, comparecimento do ser em espaço, tempo e sexualidade, oxigenando tanto o campo da Psicologia, Psicanálise, Antropologia, Linguagem e Antropologia são trilhas importantes. Objetivamos diálogo com a obra de Merleau-Ponty a partir das releituras de muitos estudiosos Vitória Espósito, Joel Martins, Antonio Joaquim Severino, Antonio Muniz Rezende, Paulo Freire e Paulo Sérgio do Carmo. Utilizamos dos conceitos da antropologia tais como surgem na interlocução de Merleau-Ponty que se delineia no texto “De Mauss a Lévi-Strauss”, pelo qual não se dissocia natureza da cultura. Altera conceito de estrutura. Radicaliza a forma antirreducionista e antidualista tal como a praticam Fabio Di Clemente, Capalbo e Carbone.

Resultados

Nossas investigações nos tem permitido compreender a importância, para a educação, sobretudo dos conceitos que se referem aos últimos anos do filósofo francês, que não deixando uma teoria completa, deixou-nos pistas a serem perseguidas e áreas obstruídas pela inviabilização promovida pela cultura filosófica normalizada. Creusa Capalbo esclarece “Os elementos que encontramos nas obras de M. Ponty sobre a historicidade, não são suficientes para constituírem uma doutrina explícita e exaustiva sobre o tema. Encontramos apenas algumas ideias alinhadas ou

algumas sugestões que convidam à investigação” (Capalbo, 2004: p. 201). Há, em M. Ponty (2006), um instinto de fome no ser humano que o impele a referir-se a uma aspiração originária que implique o desejo de completude do corpo próprio, sempre adiado. A educação, em face dos desafios de sobreviver e mais do que isso expressar-se na direção do ser mais, e da felicidade que toma força na ‘falta’ e nos limites da vida, como obras abertas procuramos sentidos construídos por nós que suleiam direções na expressão e criação de formas adequadas aos desafios de se relacionar e se comunicar para agir na direção da sobrevivência e da completude provisória que se expresse no prazer, na felicidade e no amor. Cada corpo próprio exprime na carga genética singular que se reconhece solitário e estrangeiro a si próprio (Camus), transcendendo a carnalidade do ser, e quanto nela se expressa. Toda relação é criativa, irrepitível, autopoietica no gestar o corpo necessário que melhor expresse o seu logos.

Conclusões

A ontologia em vigor e o humanismo que ela gera, compromete a ação educativa. Concluimos da premente necessidade de tomar em consideração uma epistemologia das operações perceptivo-compreensivas versus aquela explicativo-analíticas, de sorte que haja um paradigma distinto que acompanhe valores e vivências necessárias para construção dinâmica de conhecimentos inéditos, inda que eivados sempre de lacunas e mistérios que se aproxime do conhecimento dos fenômenos vivos que envolvem aos seres humanos. E necessário começar pela mudança radical do divórcio conceitualista com as vivências biológicas, biopolíticas que cindem natureza/cultura e o caráter antropocêntrico que destrói a relação indiscriminável de toda e qualquer criatura. O corpo é um solo de onde emana o pensado e um impensado, fundamento originário do ser do ente. Trata-se de uma ontologia de M. Ponty (1991), que Carbone (2010) refere como uma ‘nova ontologia’: “significa falar de uma nova relação com o ser, de modo a não poder senão *fazer tudo uno* com uma nova relação com o ente.” Posto diz Carbone: existem dois sentidos de ontologia, “como discurso em torno ao ente e como discurso em torno do ser” e que, no caso de Merleau-Ponty, estes dois conceitos, “se mantêm juntos”, são duas regiões conectadas até o fim, sem co(n)-fusão e ao mesmo tempo mutuamente referidas uma à outra que M. Ponty chama de “endo-ontologia” dada a impossibilidade de se elaborar uma ontologia desde o “exterior”. Não existe mundo sociológico, o ser transita no todo. Não há um exterior hegeliano. Não há um fora que não se refira também a um dentro, movimento revulsivo entre a carne, o estofo meu e do mundo. E, todas as coisas escondem um olhar do mundo e a carne das coisas me toma como delas, e eu me deixo tomar por sendo delas,

também é meu. “Uma ontologia que não se pode elaborar senão do interior do horizonte do ser no qual os entes se encontram colocados” (Carbone: 2010: 4). A volta às coisas em carne e osso é ainda encontrar com os outros em si mesmos, em sua forma originária, irremediavelmente, nós abraçados, de pé, com eles e elas, no mais íntimo logos – o de sermos **RELAÇÃO** até o fim (Merleau-Ponty, 1991). Não há *numenon* kantiano: ‘objetos’ por si sem nós! O em si do outro e o nosso trás as marcas da mutua constituição de todos por todos, nós com eles, e deles conosco. Não há um fora ou um dentro *ipsíssimo*. Há o ser que é relação expresso na carnalidade universal que a todos e todas nos relaciona no uno, não deixamos de únicos, enquanto corpo próprio. Não há polaridades e binarismos contrapostos: corpo/alma; universal/particular; objeto/sujeito; eu/outro: toda a matéria tem um princípio unificador que expressa silêncio interior de logos. O Ser é movimento e criação. O laço político na carnalidade fortalece a individuação, de nada valeria uma universalização sob os despojos da variação. O ser é vida em movimento e criação.

Nota

O neologismo *sulear* foi criado por Freire em oposição à noção colonizadora de buscar referência no norte. Há uma arbitrariedade intencional da cartografia que, a partir do espaço aberto e infinito, determinar no globo quem está em cima ou embaixo. Há o colonialismo no *nortear*, o norte como ponto de referência universal.

Referências

- CAPALBO, Creusa. **Historicidade e Ontologia**. São Paulo: Edições Humanidades, 2004.
- CARBONE, Mauro. Uma obra em debate com o cartesianismo. IHU ONLINE (2010) (<http://migre.me/fdago>). Acessado em 24/06/2013.
- CAMUS, Albert. Paris : Les Éditions Gallimard, 1942, 172 pp. NRF. Impression: 1950.
- DI CLEMENTE, Fabio. **Corpo e conhecimento**. (<http://migre.me/fdIXM>) Acesso 23/06/2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27ª e. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- MELIÁ, Bartomeu. **Educação indígena na escola**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 49, Dezembro/99
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. Tradução Ivone C, Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.